

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS E INTERACIONAIS  
DOS PARTICIPANTES DE ENTREVISTA TELEVISIVA  
A PARTIR DOS POSTULADOS GOFFMANIANOS  
DA SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL**

Sineide Gonçalves (UFOP)

[sineide.ufop@gmail.com](mailto:sineide.ufop@gmail.com)

Adail Sebastião Rodrigues Júnior (UFOP)

[adailsebastião@gmail.com](mailto:adailsebastião@gmail.com)

**RESUMO**

Nesse artigo, analisamos os aspectos da construção de sentido discursivo e propósito comunicativo de Marília Gabriela ao entrevistar três atores considerados galãs da televisão brasileira no programa "Marília Gabriela Entrevista". O enfoque principal será a construção do significado social do discurso a partir da análise dos *footings*, das pistas de contextualização e das estruturas de expectativa realizados pela entrevistadora a fim de compreender, à luz dos postulados goffmanianos da Sociolinguística Interacional, os indicadores linguísticos e não linguísticos realizados por Marília Gabriela em suas interações face a face com seus entrevistados. Na primeira parte, apresentamos os conceitos do estudo da língua em contextos sociais específicos, denominados contextos microecológicos, baseando-se nas abordagens sobre o estudo da fala da sociolinguística interacional, representados neste artigo por Erving Goffman (2013 [1974]), John J. Gumperz (2013 [1982]) e Deborah Tannen e Cynthia Wallat (2013 [1986]). Em seguida, destacamos algumas considerações pertinentes à entrevista de mídia televisiva. Depois, passamos à análise dos dados demonstrando que o resultado desse estudo corroborou a hipótese levantada de que os diferentes esquemas de conhecimento de Marília Gabriela a respeito de seus entrevistados direcionaram as suas mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização.

**Palavras-chave:** *Footing*. Estrutura de expectativa. Pista de contextualização.

**1. Introdução**

A língua falada em interação é um sistema complexo em transformação. Ela se estabelece de acordo com os propósitos comunicativos dos interlocutores que participam de um evento social. Este é o conceito de interação face a face que ocorre num ambiente de construção do significado social do discurso e foi introduzido no artigo seminal *The Neglected Situation* de Erving Goffman.

Nesse artigo, Erving Goffman (1972):

Descreve a complexidade das variáveis sociolinguísticas envolvidas na interação e assinala a importância do valor atribuído a essas variáveis pelos participantes durante uma dada situação social. Assim, o estudo da relação língua

e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos, assumindo um arcabouço teórico bem mais complexo. (GOFFMAN, 1972, *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 13)

Embora a análise da organização social do discurso em interação tenha sido por muito tempo negligenciada como cenário de pesquisa, vários estudiosos da língua vêm atualmente analisando o uso da fala em contextos sociais específicos a partir do arcabouço teórico metodológico da sociolinguística interacional. Pautando-nos nessa perspectiva, representada neste artigo por Erving Goffman (2013 [1974]), John J. Gumperz (2013 [1982]) e Deborah Tannen e Cynthia Wallat (2013 [1986]), ressaltaremos uma análise contextual de um complexo trabalho social e linguístico existente na coconstrução de significação e ação do discurso. Neste sentido, observaremos o discurso em interação face a face que acontece num contexto de mídia televisiva de entrevista em que os participantes compartilham experiências pessoais e profissionais e empregam uma multiplicidade de inferências “pistas de contextualização”, John J. Gumperz (1982), para sinalizar seus propósitos comunicativos.

A análise proposta concentra-se nas mudanças de *footing*, Erving Goffman (1974), nas pistas de contextualização, John J. Gumperz (1982) e nas estruturas de expectativa, Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1986), realizados pela apresentadora Marília Gabriela em seu programa "Marília Gabriela Entrevista", ao receber três atores considerados galãs da televisão brasileira. Pautaremos nossas observações nas seguintes elucidações dos teóricos da sociolinguística interacional: a) para organizar seus discursos, os sujeitos propõem permanentemente enquadres e mudança de *footing* para se orientar em relação a tudo o que foi dito e feito numa situação interacional, ou seja, os sujeitos constroem seus discursos com o auxílio de traços discursivos como entonação, tomadas de turno, pausas e prolongamentos, entre outros, para alcançarem as suas intenções comunicativas, Erving Goffman (1974, *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 107); b) as inferências advindas das pistas de contextualização são pressuposições hipotéticas ou interpretações realizadas pelo ouvinte sobre o que o falante deseja comunicar, John J. Gumperz (1982, *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 149); c) a interpretação de tudo o que foi dito e feito só poderá ser validada quando conjugada ao conhecimento prévio que os sujeitos possuem uns dos outros, Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1987, *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 183). Diante da interação televisiva do programa "Marília Gabriela Entrevista", em que existe a coparticipação de todos os integrantes ao se posicionarem frente a frente, surgiu as seguintes perguntas: qual o posicionamento de

Marília Gabriela diante dos entrevistados? Quais foram os *footings*, enquadres, as pistas de contextualização e os esquemas de conhecimento manifestados por Marília Gabriela diante dos seus entrevistados? Quais os papéis sociais e interacionais realizados pela entrevistadora.

A partir de tais elucidações, faremos a associação dos conceitos de esquema de conhecimento (TANNEN & WALLAT, 2013 [1987]), aos conceitos de *footing* (GOFFMAN, 2013 [1974]) e de pistas de contextualização (GUMPERZ, 2013 [1982]), para confirmar a hipótese lançada de que os diferentes esquemas de conhecimento que Marília Gabriela possui a respeito de seus entrevistados direcionaram as suas mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização adotadas em suas práticas discursivas durante as entrevistas.

A importância deste estudo vai além dos limites dos cenários de entrevistas televisivas. A análise das relações sociais ocorridas neste micro contexto interacional confirma que a diversidade afeta a interpretação e acrescenta às mais variadas pesquisas feitas sobre o assunto, que estratégias discursivas como as mudanças de *footing* e pistas de contextualização são direcionadas pelos esquemas de conhecimento que cada indivíduo possui a respeito “do que está acontecendo aqui e agora”.

## **2. Os postulados goffmanianos da sociolinguística interacional**

A Sociolinguística Interacional descreve, entre outros enfoques, o funcionamento da interação falada utilizada para a análise da conversa do dia-a-dia, que interpreta os fenômenos sociais, verbais e não verbais realizados em eventos comunicativos. Este paradigma que segue o método qualitativo e interpretativo de análise é representado por Erving Goffman que viu a possibilidade de interpretar as relações sociais de interlocutores em situação de fala.

Erving Goffman enfatiza os aspectos da relação interacional a partir dos princípios dialógicos de comunicação. Estes princípios permitem observar a linguagem como um fenômeno social de interação verbal que se realiza através da enunciação. Neste dialogismo, Erving Goffman entende que a situação social deve ser negociada de tal maneira que todos os indivíduos entendam o significado do discurso de acordo com o contexto no qual a interação se desenvolve.

De acordo com Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 8):

A noção de contexto ganha relevância, passando a ser entendida como criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional. Os integrantes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre participantes (quem fala para quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso.

Neste sentido, a interação falada é uma prática comunicativa que, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2003), parte de dados de situações reais e do “*aqui e agora*” da interação. O contexto deve ser compartilhado entre os participantes do encontro social e o discurso deve ser organizado para que todos alcancem o significado do que foi dito e feito, ou seja, de acordo com Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 107), todos devem compreender “*o que está acontecendo aqui e agora*”.

Em seu estudo “Frame Analysis”, Erving Goffman (1974), a partir de trabalhos realizados por Gregory Bateson, definiu enquadres como marcas estruturais de comportamento dos indivíduos utilizadas para a compreensão de tudo o que está sendo dito e feito numa situação interacional. De acordo com Erving Goffman (1974 *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013), todos os participantes de um encontro face a face propõem ou mantêm enquadres que orientam a postura dos participantes e auxiliam na compreensão do significado do discurso a partir do contexto interacional. Este contexto é entendido como uma colaboração conjunta entre todos os participantes presentes no encontro social que se propõem a compreender “*o que está acontecendo aqui e agora*”. Ao estabelecer uma relação da linguagem com os propósitos comunicativos dos interlocutores de um evento social, Beth Brait (1993, p. 194, *apud* FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1998, p. 68) afirma que:

(...) não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões. (BRAIT, 1993, p.194).

Enquadres são, portanto, recursos verbais e não verbais que utilizamos para atingir nosso objetivo comunicacional quando estamos diante de outras pessoas, os quais podem variar de acordo com a negociação conversacional estabelecida nos encontros sociais. Nestes encontros, que podem ser eventos de formatura, entrevistas, consultas médicas etc., os

indivíduos propõem a todo o momento enquadres variados que devem ser monitorados de acordo com a situação social estabelecida.

Para caracterizar a negociação conversacional estabelecida nos encontros sociais, Erving Goffman (1981) foi mais além: ampliou seus estudos sobre enquadres passando à definição de “*footing*”. Para caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres, Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 107), definiram *footing* como desdobramento do enquadre ou “*o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção*”.

Uma mudança de *footing* significa uma mudança de alinhamento, de postura de projeção do “eu” de um indivíduo diante de outros indivíduos que participam de um evento social. Segundo Rodrigues-Júnior (2002, p. 17), “*o footing representa a capacidade dos interlocutores em atender, construir e manipular os fatores que sedimentam as características da situação em que o discurso ocorre*”. Essas mudanças, de acordo com Erving Goffman (1979), são características inerentes à fala, orientam e organizam as relações interpessoais no momento exato da interação.

Ao ampliar a noção de “enquadres”, Erving Goffman (1979), através da definição de *footing*, analisou os papéis do falante e do ouvinte. O autor explica que para interagirem de maneira organizada, estes sujeitos sociais se orientam pelo que está sendo dito e pelo que está sendo ouvido. Nesse sentido, para que haja a eficácia da troca de informação, é necessário que falante e ouvinte estejam posicionados frente a frente, tendo em vista que uma recepção visual oferece melhores condições de interpretação de situações interacionais em um dado contexto.

Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 143), dividiram em duas categorias a noção de falante e ouvinte para se chegar à base estrutural para as mudanças de *footing*: chamaram de estrutura de participação tudo aquilo que se refere ao ouvinte e formato de produção a tudo aquilo que diz respeito ao falante.

Numa estrutura de participação o ouvinte pode ser ratificado e não ratificado. O ouvinte ratificado-endereçado é o participante a quem se endereça o enunciado, ou seja, é aquele a quem o falante se reporta na esperança de uma possível troca de turno.

Nos formatos de produção o falante se desdobra em três níveis paradigmáticos: animador, o que produz o conteúdo do discurso falado; autor, aquele que cria o enunciado, responsabilizando-se por ele e interessado, aquele que se beneficia daquilo que foi dito. Esta noção de falante é de suma importância para esta pesquisa, sobretudo, ao salientar o *footing* de Marília Gabriela, como figura principal que conduz a interação, (interatuando) com os seus entrevistados.

Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 143), demonstraram a necessidade de se reformular os conceitos primitivos de falante e ouvinte para a análise da interação e propuseram substituí-los pelas noções de estruturas de participação e formatos de produção como bases estruturais da mudança de *footing*.

Os estudos de Erving Goffman marcaram, sobremaneira, os estudos teóricos metodológicos da Análise do Discurso. Erving Goffman (1974), ao dedicar-se às microanálises sociais e interacionais, fez com que os analistas do discurso percebessem a linguagem enquanto prática social. Além disso, Erving Goffman (1998), ao direcionar sua grande contribuição teórica ao estudo dos *footings* salienta que: “*a mudança de footing está comumente vinculada à linguagem*”, ou seja, o discurso passou a ser entendido como uma construção social e cultural que se realiza através de estratégias discursivas performatizadas pelos indivíduos envolvidos na interação.

John J. Gumperz, em seu livro *Discourse Strategies* publicado em 1982, analisa o discurso como comportamento ou “*atividade de fala*”. Suas teorias são desenvolvidas com base em muitos dos postulados goffmanianos. John J. Gumperz (1982) propõe uma nova abordagem sociolinguística e interpretativa dos fenômenos ocorridos em encontros face a face. John J. Gumperz afirma que uma comunicação face a face é uma atividade de fala e se realiza através dos “*pares adjacentes*”.

Este teórico verificou que à medida que os participantes de um evento comunicativo interagem, mantêm enquadres que exigem uma construção interpretativa entre falante e ouvinte para a sinalização das intenções conversacionais realizadas por todos os interlocutores de um evento comunicativo. Numa conversação os indivíduos criam, então, uma esfera interacional que John J. Gumperz nomeia “*envolvimento conversacional*”. Nesse envolvimento ocorre uma construção cooperativa da comunicação dentro de um contexto que possibilitará a construção de significados para as inferências realizadas no momento da interação.

De acordo com John J. Gumperz (1999), os falantes possuem a capacidade de inferir pressuposições baseadas no conhecimento sociocultural que possuem através do envolvimento conversacional. Esse envolvimento se dá influenciado pelo contexto, pelos objetivos da interação e, sobretudo, pelos enquadres nascidos das relações interpessoais. Rodrigues-Júnior (2002, *apud* GUMPERZ 1997), chama isso de traços discursivos e os define como “*o conjunto de características sociais e culturais construídas no decurso interacional, tendo na linguagem uma ferramenta de manifestação e expressão das intenções dos falantes*”. De acordo com Rodrigues-Júnior, os traços discursivos vão além do conhecimento gramatical e é apenas um dos vários fatores no processo de interpretação.

Estes traços discursivos são chamados por Hymes (1972) de “*competência comunicativa*”, termo utilizado por John J. Gumperz (1998) para conceituar o que chamamos de “*pistas de contextualização*”. São os sinalizadores de natureza linguística (alternância de código, estilo, dialeto), paralinguística (pausas, hesitações, tempo de fala, etc.) e extralinguísticas (postura, gestos, olhar etc.) que utilizamos para dar margem às inferências, aos meios discursivos de entendimento do que está sendo enunciado contextualmente e para alcançar os propósitos comunicativos numa interação face a face.

As pistas de contextualização, segundo John J. Gumperz (1982), só alcançam significado dentro de um contexto preconcebido, ou seja, o que foi sinalizado depende do conhecimento prévio de tudo o que é reconhecido por todos os participantes: são os chamados pressupostos contextuais. Neles estão contidas as inferências que, de acordo com Rodrigues-Júnior (2002, p.34) “*têm cunho sugestivo, porque nascem de pressuposições feitas pelos interlocutores no momento da interação social*”.

Enquadres e esquemas são retratados nos estudos de John J. Gumperz (1982), como vimos anteriormente e tratam da ocorrência das pistas de contextualização ou “*inferências conversacionais*” que são utilizadas para sinalizar os propósitos comunicativos dos participantes de uma interação que podem ser verbais e não verbais e que ocorrem a todo o momento em eventos comunicativos.

Esses dois conceitos são retratados nos estudos de Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1987) e se referem às expectativas conversacionais criadas pelos participantes de uma interação que podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre os participantes desse evento social.

Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1987) passam a considerar os enquadres como o resultado de conhecimentos prévios compartilhados que chama de estruturas de expectativas. Estas estruturas são os conhecimentos adquiridos pelas pessoas através de experiências anteriores e que são compartilhadas em situação de fala em eventos sociais. É através destes conhecimentos que realizamos associações e inferências sobre pessoas e acontecimentos durante uma interação.

Ao considerarem que o enquadre orienta o uso do registro e o esquema é o uso da informação prévia do registro, Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1987 [2013]) interligaram esses dois conceitos para definir as estruturas de expectativas que são, portanto, as inferências comunicativas realizadas no discurso interativo.

Deborah Tannen e Cynthia Wallat distinguiram duas estruturas de expectativas: os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento. Os enquadres interativos referem-se à interpretação feita pelos interagentes de tudo o que ocorre numa interação. De acordo com Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2002, p. 107), o enquadre interativo “*situa a metamsagem contida em todo o enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito*”. Os esquemas de conhecimento dizem respeito ao conhecimento das experiências anteriores que auxiliam na interpretação de um enunciado. Assim como o enquadre é a base estrutural do *footing*, os esquemas são a base estrutural da interpretação do enunciado em interação baseados no compartilhamento do conhecimento de mundo dos participantes interacionais. O esquema também pode ser entendido como as expectativas criadas pelos participantes de um evento comunicativo sobre o que sabem, ouvem, sentem e interpretam a respeito das pessoas que fazem parte da interação.

Deborah Tannen e Cynthia Wallat (1979 *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 191) ao analisarem a interação de enquadres e esquemas, esclareceram ainda que “*uma discrepância nos esquemas gera uma mudança de enquadres*”, ou seja, a identificação dos enquadres realizados no momento da interação está associada aos recursos verbais e não verbais ocorridos no evento comunicativo e qualquer mudança nesses processos implicará uma mudança de interpretação.



### 3. O cenário interacional do Programa *Marília Gabriela* entrevista

A entrevista é um tipo de encontro social em que os interlocutores não só se preocupam com a conversação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado como também com a interação com o público a quem ela se dirige. Geralmente este público é quem, direta ou indiretamente, determinará a direção dada à entrevista.

De acordo com Bentes (2010, p. 128),

A entrevista apresenta-se como criação coletiva, pois se produz não só interacionalmente, mas também de forma organizada e é o lugar em que os interactantes constituem relações especiais de dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância.

Neste sentido, podemos dizer que a entrevista possui um contrato, um acordo prévio de realização da conversação que auxilia no reconhecimento dos papéis sociais e discursivos dos seus participantes.

Dentro do seu suporte midiático, o gênero entrevista possui características específicas que dependem do contexto em que é desenvolvido. Assim, se a entrevista é organizada para ser transmitida pela televisão, proposta analítica deste estudo, seu objetivo será informar o telespectador (público) a respeito de determinado assunto ou a respeito de alguma personalidade do meio artístico, político ou religioso. Por meio de perguntas e respostas como também por meio de imagens selecionadas pelo programa que será exibido, a entrevista pode ocorrer através de trocas verbais ou de imagens selecionadas pela equipe do programa televisivo. O diálogo é construído entre os interlocutores que geralmente seguem um roteiro com o planejamento prévio dos tópicos a serem desenvolvidos durante o evento.

Durante a entrevista os interlocutores colocam em prática o que foi planejado, porém isto não garante que o roteiro seja seguido integralmente, pois de acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2003), estratégias discursivas serão escolhidas durante a conversação para que ocorra a correspondência das expectativas dos interlocutores que se prepararam para este tipo de encontro social.

Seguindo os moldes do gênero entrevista televisiva, o programa *MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA* surgiu em 1997 como uma nova versão do programa *AQUELA MULHER*, no qual a apresentadora Marí-

lia Gabriela entrevistava apenas mulheres<sup>28</sup>. Marília Gabriela Baston de Toledo construiu um lugar de destaque no meio jornalístico e é reconhecida por ter um estilo firme de fazer entrevistas a qualquer entrevistado. Em sua lista de entrevistados figuram nomes como Fernando Henrique Cardoso, Lobão, Dr. Paulo Mattos, José Dirceu, Hebe Camargo, entre outros.

Transmitido pelo canal GNT<sup>29</sup>, uma emissora de canal fechado que tem como traço central a vinculação com o universo feminino, MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA é um programa que acessa qualquer personalidade do campo midiático que tenha alguma experiência a ser compartilhada com a audiência. Cada personalidade convidada possui uma característica que solicita uma temática específica da área em que atua ou das experiências vividas.

A entrevistadora Marília Gabriela sempre se mostra bem informada sobre a vida pessoal e profissional das pessoas convidadas para participar do seu programa MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA, isto porque ela segue um roteiro, um *script*, que revela uma preparação prévia à entrevista. Apesar de Marília Gabriela possuir este roteiro de perguntas sobre os assuntos a serem tratados, percebe-se que o formato do seu programa permite certo improviso de modo que os textos nunca se apresentam como se ela os tivesse decorado. Além disso, Marília Gabriela insere perguntas, a partir da fala do entrevistado que, em certos momentos, mudam o foco temático proposto deixando a entrevista mais receptiva a intervenções que não seguem à risca nenhum roteiro. Observamos, então, um cenário muito propício para Marília Gabriela utilizar as pistas de contextualização e realizar mudanças de *footing* a partir dos esquemas de conhecimento que a ela possui a respeito de cada ator entrevistado.

#### 4. Análise discursiva

Os exemplos utilizados em nossa análise foram retirados de três entrevistas do programa Marília Gabriela Entrevista, observando os aspectos da construção de sentido discursivo e propósito comunicativo de

<sup>28</sup> Informação extraída do site: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=141>, acesso em 14/11/1014.

<sup>29</sup>O referido programa pertence à GNT/GLOBOSAT, canal 41 das operadoras de TV por assinatura SKY/NET. Uma amostra de uma das entrevistas pode ser conferida no link: <https://www.youtube.com/watch?v=TmqHHWdGpZ4>.

Marília Gabriela diante de três entrevistados diferentes. Estas três entrevistas foram escolhidas porque nelas estão contidas as expectativas conversacionais criadas pelos participantes de uma interação de mídia televisiva que podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre eles.

A primeira entrevista analisada foi transmitida no dia 17/10/2013 e tinha como convidados os atores Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido. Nesta entrevista, assuntos como vida profissional e pessoal foram questionados por Marília Gabriela e o foco temático era a peça teatral “A Toca do Coelho”, protagonizada por Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido, esta peça esteve em cartaz até o final de 2013.

Na segunda entrevista analisada, veiculada no dia 28/10/2012, Marília Gabriela recebe o ator Murilo Benício para falar sobre sua vida pessoal e profissional e teve como foco temático o papel interpretado pelo ator na novela das oito horas “Avenida Brasil”, transmitida, na época, pela Rede Globo de Televisão. Murilo Benício foi colega de elenco da atriz Debora Fallabella nesta novela e atuou fazendo o papel de Tufão, par romântico de Débora Falabella, que fazia o papel de Nina. Atualmente, Murilo Benício e Débora Falabella são casados.

A terceira entrevista escolhida, veiculada no dia 24/11/2013, foi com ator Marcos Palmeira. Nesta entrevista, o foco temático era a indicação do ator ao prêmio máximo da televisão mundial, a Emmy Internacional, considerada o Oscar da TV, em sua 41ª edição, realizado no dia 25/11/2013, em Nova York nos Estados Unidos, por sua atuação na série MANDRAKE, exibida pela HBO.

Após assistir aos vídeos das entrevistas escolhidas, iniciamos as transcrições das entrevistas, conforme orientações dos etnometodólogos Sacks, Schegloff, Jefferson (1974) e Luiz Antônio Marcuschi (2003), estudiosos da conversa em interação que consideram nas conversações reais, não apenas traços verbais, mas também alguns detalhes linguísticos e não linguísticos, que promovem a compreensão de tudo o que é dito e feito numa interação face a face. Após a transcrição, segmentamos aproximadamente quatro minutos de conversa de Marília Gabriela com cada um dos seus convidados, separamos alguns trechos e analisamos aqueles que tiveram maior ocorrência dos recursos discursivos.

### 5. *Entrevista a – Marília Gabriela entrevista os atores Reynaldo Gianecchini a e atriz Maria Fernanda Cândido*

Nesta entrevista, observamos que Marília Gabriela conduziu sua postura ou seu “*alinhamento*” diante de seus entrevistados com certa informalidade, partindo de um esquema de conhecimento, que possibilitou a manifestação de pistas de contextualização sinalizadas por marcas não linguísticas associadas a mudanças de *footing*, que possibilitaram a devida interpretação de tudo o que foi dito e feito por todos os participantes deste evento social.

O primeiro bloco desta entrevista teve uma duração de 13 minutos. Neste bloco Marília Gabriela procura saber sobre todos os detalhes da peça teatral protagonizada pelos atores Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido e também sobre a parceria dos dois atores para a realização deste espetáculo.

#### Trecho (1)

1M: Como é que surgiu a ideia de montar “A Toca do Coelho”?=foi sua ideia?

2G: Zucato?

3M: Giane entrou em que etapa?

4M: [foi montado tava na Brodway em 2006 se não me engano!]

5M: você falo i::interessante, porque você falou de um JEito que fala de am::or de vida, de superação(+)=mais eu posso também dizer que fala sobre perdas/

As linhas 1, 2, 3, 4 e 5 correspondem respectivamente às perguntas feitas por Marília Gabriela aos seus entrevistados Reynaldo Gianecchini e Maria Fernanda Cândido. Estas perguntas fazem parte de uma sequência de pares adjacentes, ou seja, o par pergunta e resposta utilizada pela entrevistadora como recursos linguísticos e são caracterizados pelas tomadas de turno e algumas sobreposições e foram utilizadas para sequenciar a entrevista, tendo em vista, que neste encontro social, havia três interlocutores.

Na fase introdutória dos enunciados desta entrevista Marília Gabriela utilizou também, recursos não linguísticos para organizar o gerenciamento da tomada de turno através de uma sincronia de mudança de olhar mostrando evidências de atenção a tudo o que estava sendo dito, dirigindo suas observações para o círculo como um todo e envolvendo todos os seus ouvintes com muita atenção. Tais recursos não linguísticos

podem ser observados a partir da linha 5 quando Marília enunciou: “*você falou i::nteressante, porque você falou de um JEito que fala de am::or de vida, de superação(+)=mais eu posso também dizer que fala sobre perdas/*”. Neste enunciado percebe-se alterações prosódicas, tais como prolongamentos, ênfases e pausas característicos de recursos não linguísticos que, de acordo com John J. Gumperz (1982), podem também ser considerados pistas de contextualização e foram utilizados por Marília Gabriela com o objetivo de buscar maiores informações a respeito da peça “*A Toca do Coelho*”.

#### Trecho (2)

6M:=uh você tem:: (+) ah da última vez que a gente teve junto você tava com uns ca::chos/

7M: [Eu eu não quero aborrecer os(+) os grisalhos=mas eu acho que elas gostam de grisalhos com essa pele lisi::nha como você ainda tem=seria assim também ou não?

O segundo bloco teve uma duração de 15 minutos e Marília Gabriela entrevistou separadamente cada um dos atores e abordou assuntos da vida profissional e pessoal dos dois convidados. Marília Gabriela inicia a conversa com a atriz Maria Fernanda Cândido que fala sobre filhos, casamento e carreira. Logo em seguida, Marília Gabriela finaliza o segundo bloco entrevistando o ator Reynaldo Gianecchini, seu ex-marido, que falou sobre a sua carreira, sua saúde e seus planos para o futuro além de conversarem descontraidamente sobre alguns assuntos ligados à vida conjugal que tiveram por quase nove anos.

No trecho (2), linha 6, Marília Gabriela comentou que da última vez que ela tinha visto Reynaldo Gianecchini, ele estava com “*uns ca::chos*”, e que estes cachos geraram alguns comentários por parte de algumas pessoas que Marília Gabriela tinha maior convívio. Reynaldo Gianecchini respondeu que os cachos foram adquiridos ao longo do tratamento que ele teve que fazer, mas depois desapareceram e ficaram apenas os cabelos grisalhos que ele tinha desde os dezoito anos de idade. Neste trecho observamos que Marília Gabriela se beneficiou daquilo que foi dito, introduziu a sua opinião e a de outras mulheres em relação aos cabelos grisalhos de Reynaldo Gianecchini e suspendeu temporariamente seu alinhamento de entrevistadora para elogiar o ator. Observamos, então, que no enunciado da linha 7: “[Eu eu não quero aborrecer os(+) os grisalhos=mas eu acho que elas gostam de grisalhos com essa pele lisi::nha como você ainda tem=seria assim também ou não?”, Marília Gabriela utilizou o formato de produção (falante), uma das bases estruturais

para a mudança de *footing* quando fez o papel de animadora, autora e interessada pela sua construção discursiva.

**Trecho (3)**

8M:=[então quer dizer que você tinha ME::DO-DE-MIM-Rey-nal-do-Gia-ne-cchini”

O terceiro bloco teve uma duração de 12 minutos e Marília Gabriela convidou os dois atores para finalizar o programa com um bate papo também informal lembrando, neste final de entrevista, assuntos ligados ao convívio que ela teve com o ator Reynaldo Gianecchini enquanto eram casados.

Maria Fernanda Cândido contou para Marília Gabriela que Reynaldo Gianecchini achava as duas muito parecidas por serem geminianas. Até este momento, Marília Gabriela fazia o papel de ouvinte (estrutura de participação), ou seja, a entrevistadora examinava o que Maria Fernanda dizia e acompanhava o essencial de suas observações. Depois de ouvir o depoimento de Maria Fernanda, Marília Gabriela fez uma expressão de surpresa ao expressar na linha 8 o seguinte enunciado: =[*então quer dizer que você tinha ME::DO-DE-MIM-Rey-nal-do-Gia-ne-cchini*”. Apesar das sobreposições de voz, pois neste trecho os três atores falavam ao mesmo tempo, verificamos nesse enunciado que Marília Gabriela passou a usar um registro em tom de brincadeira caracterizado por mudanças exageradas na altura da voz, marcada prosodicamente por pausas seguidas de períodos de vocalização, e sons vocálicos alongados acompanhados de sorrisos, mostrando-se surpresa com os comentários feitos anteriormente pela atriz Maria Fernanda Cândido. Concluímos, então, que Marília Gabriela passou de ouvinte ratificado (estrutura de participação) a falante (formato de produção), ou seja, no enunciado da linha 8, a entrevistadora realizou uma mudança de *footing* ao produzir seu próprio texto e delimitar sua própria posição passando a fazer, portanto, o papel de animadora, autora e responsável pelo enunciado.

**Trecho (4)**

9M: Maria Fernanda, você tava ali assistindo (+) a entrevista do Gianni

10M: E aí ele disse aquela hora

11M: = e eu sei onde ele queria chegar falando assim:

12M: Eu conheço geminia::nas e as geminia::nas

13M: -MAS AQUILO É VERDADE

14M: =Ele não sabe perder no jogo

15M: =já jogou com ele ou não?.

No início do trecho (4), nas linhas 9, 10 e 11 e 12, Marília Gabriela realizou uma fase introdutória de enunciados, baseada na entrevista dada por Reynaldo Gianecchini no segundo bloco, com o propósito comunicativo de evidenciar as experiências comuns compartilhadas anteriormente com seu ex-marido. Na linha 11, por exemplo, quando Marília Gabriela enunciou: “=e eu sei onde ele queria chegar”, utilizou uma entonação descendente como traço não linguístico que tem um valor sinalizador. De acordo com Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 153), “Quando todos os participantes entendem e notam as pistas relevantes, os processos interpretativos são tomados como pressupostos e normalmente têm lugar sem ser percebidos”. Observamos, então, que no enunciado da linha 11 do trecho (4): “=e eu sei onde ele queria chegar”, Marília Gabriela sinalizou as pressuposições sociais em torno das quais qualquer mensagem deve ser interpretada ao inferir um comentário feito anteriormente por Reynaldo Gianecchini quando os dois eram casados. Com este enunciado Marília Gabriela revelou o esquema de conhecimento prévio que ela possuía a respeito dos hábitos do ex-marido Reynaldo Gianecchini. Esta atividade de fala, que é uma pista de contextualização, quase nunca é comentada de maneira direta, mas pode ser percebida inconscientemente por todos os participantes interacionais a partir do conhecimento prévio contextualmente sinalizado.

Na linha 12 do trecho (4), temos outro exemplo de ocorrência de pista de contextualização ou “inferências conversacionais” (GUMPERZ, 2013[1982]) utilizadas por Marília Gabriela para sinalizar seus propósitos comunicativos. Neste trecho Marília Gabriela continuou a conversa contando que Reynaldo Gianecchini a comparava com as geminianas ao expressar: “*Eu conheço geminia::nas e as geminia::nas*” reproduzindo, ironicamente, uma fala utilizada por Reynaldo Gianecchini no segundo bloco. Observamos nesse enunciado que Marília utilizou essa expressão irônica para explicar que, quando ela e o ex-marido participavam do jogo WAR, ele sempre ficava ligeiramente nervoso. Além disso, observamos que Marília, ao enunciar: “Eu conheço geminia::nas e as geminia::nas”, sugeriu que Reynaldo Gianecchini usou essa expressão para explicar que o ator sabia muito bem como as geminianas se comportavam, principalmente quando participavam de algum tipo de jogo. Neste enunciado Marília Gabriela também utilizou como estratégia de contextualização as estruturas de expectativas, realizando inferências conversacionais a respeito de Reynaldo Gianecchini.

No final do trecho (4) existe também a ocorrência de uma interação entre enquadres interativos e esquemas de conhecimento nos enunciados das linhas 13, 14 e 15, respectivamente, quando Marília Gabriela enunciou: “–MAS AQUILO ERA VERDADE”, “=Ele não sabe perder no jogo” e “=já jogou com ele ou não?”. Nesses enunciados, que também retrataram algumas pressuposições sobre a conversa ocorrida no segundo bloco, observamos que as escolhas linguísticas e não linguísticas que Marília Gabriela utilizou são, segundo Charles A. Ferguson (1985, *apud* RIBEIRO & GARCEZ, 2013, p. 194), “*convenções consideradas apropriadas para o cenário e para a plateia*”. Observamos, então, que através dos enunciados das linhas 13, 14 e 15 do trecho (4), Marília Gabriela realizou registros discursivos identificáveis que estão associados ao esquema de conhecimento que ela possui a respeito de Reynaldo Gianecchini. Além disso, Marília Gabriela utilizou, como estratégia discursiva, a associação do enquadre aos esquemas de conhecimento contidos nestas expressões que atuaram em conjunto e fizeram com que Maria Fernanda Cândido conseguisse realizar uma interpretação bem-sucedida de todos os fatos.

### 5.1. Entrevista B – Marília Gabriela entrevista o ator Murilo Benício

Esta entrevista tem como foco temático as gravações das cenas da novela “*Avenida Brasil*” e teve uma duração de quarenta e cinco minutos. Estas análises também concorreram para a verificação da hipótese anteriormente levantada de que as mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização adotadas por Marília Gabriela foram direcionadas pelo esquema de conhecimento que ela possuía a respeito de seus entrevistados, neste caso, o ator Murilo Benício.

#### Trecho (5)

16M: Tamo aqui rindo ele é abesteirento (0,2) sempre

17M: Murilo ahh::(0,2) o TufÃO (0,1) você imaginava que ia acontecer isso=você já tá acostumado a ser mui::to elogiado nos seus trabalhos porque este foi- hum particularmente chegou a mi::m assim (0,2) amigas (0,1) Maria Helena Amaral PARTICULARmente que ligavam pra dizer NO::SSA MAS O MURILO BENÍ::CIO TA ARREBENTANDO, isso acontece sempre ou (0,2) o Tufão te deu isso mais que os outros?

De acordo com Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013, p. 114-115): “No curso da interação ocorrerá o intercâmbio dos



papéis de falante e ouvinte, com vistas à manutenção de um formato afirmação/resposta, sendo que o direito de falar neste instante – a palavra – vai e vem”.

Pautando-nos nesse conceito, verificamos no trecho (5), a ocorrência de uma fase introdutória de enunciados que foi utilizada por Marília Gabriela para negociar as relações interpessoais estabelecidas entre ela e o ator Murilo Benício, utilizando afirmações baseadas no conhecimento prévio que ela possuía a respeito do ator. Isto pode ser observado nas linhas 16 e 17 respectivamente, quando Marília Gabriela inicia uma negociação conversacional com certa informalidade em que os termos ouvinte e falante se ajustaram perfeitamente.

Este bate papo inicial teve como objetivo principal elogiar Murilo Benício pela sua bela atuação no papel de “Tufão” na novela “Avenida Brasil” e correspondeu, portanto, a uma manutenção do *footing* de entrevistadora, por parte de Marília Gabriela, que teve como propósito comunicativo a condução eficaz da produção e da recepção dos enunciados que foram sendo produzidos através de uma sequência de pares adjacentes, ou seja, o par pergunta e resposta, com algumas tomadas de turno e algumas sobreposições.

#### **Trecho (6)**

18G: E dava tempo de decora::r de fazer tudo?

19G: ((risos)) como assim?

20G: Como assim? ((risos))

21G: Por quê?

22G: Mas o que é que você faz, como é que você se resolve com as coisas que você tem que dizer no ar que são texto de um autor.

No trecho (6), observamos que Marília Gabriela, por meio das perguntas das linhas 18, 19, 20, 21 e 22 respectivamente, criou uma esfera interacional denominada por John J. Gumperz (1997), “*envolvimento conversacional*”. Através deste recurso discursivo Marília Gabriela remodelou todo o curso da interação, provocando Murilo Benício com várias perguntas que tinham como propósito comunicativo, entender como o ator conseguia trabalhar sem decorar seus textos. Murilo Benício compreendeu a sinalização de Marília Gabriela e iniciou um relato sobre o método que ele utilizava para decorar as cenas das novelas contando, inclusive, que tinha um camareiro que o auxiliava na organização dos capítulos que seriam encenados.

Verificamos também, que no enunciado das linhas 19 e 20 do trecho (6), Marília Gabriela utilizou uma *competência comunicativa* ou pista de contextualização para demonstrar a sua ânsia em saber como Murilo Benício encenava seus personagens sem decorar os textos enunciando entre risos: “((risos)) como assim?”. A entonação utilizada por Marília Gabriela ao repetir a pergunta “como assim”, reiterou uma incredulidade, uma dúvida e exigiu de Murilo Benício uma explicação sobre seu comportamento profissional.

#### Trecho (7)

23G: Agora por exemplo que você tá de romance novo você evidentemente tá

24G: TÁ SIM NÃO MINTA PARA MIM QUE [EU TI CONHE::ÇO]

Até a linha 22 do trecho (6), o tópico da entrevista girava em torno das gravações da novela “*Avenida Brasil*”, protagonizada pelo ator Murilo Benício. A partir da linha 23 do trecho (7), Marília Gabriela iniciou outro tópico na entrevista que tratava da vida sentimental de Murilo Benício.

Após muita especulação da mídia, pois Murilo Benício e Débora Falabella insistiam em esconder o romance por motivos pessoais, o ator finalmente assumiu estar casado com Débora durante a entrevista. Observamos que os enunciados das linhas 23 e 24, “*Agora, por exemplo, que você tá de romance novo você [evidentemente tá]*”, e “*TÁ SIM NÃO MINTA PARA MIM QUE [EU TI CONHE::ÇO]*”, marcam, respectivamente, a mudança de registro (mudança de assunto) que provocou uma mudança de *footing* por parte de Marília Gabriela e evidenciam um conhecimento prévio por parte de Marília Gabriela a respeito do romance de Murilo com Débora.

### 5.2. Entrevista C – Marília Gabriela entrevista o ator Marcos Palmeira

Nos trechos a seguir observamos o comportamento linguístico e não linguístico de Marília Gabriela através dos enquadres interativos e dos esquemas de conhecimento realizados por ela diante do ator Marcos Palmeira.

#### Trecho (8)

29G: Marquinhos, vou te chamar de Marquinhos que não seguro=nesse momento sobre o que eu vou falar merece essa esse nome carinhoso (h).

30G: Ohh há quantos anos nasceu “Mandrake”

31G: E foi pra HBO=e fez sucesso de cara?

A entrevistadora inicia a conversa na linha 29 do trecho (8) enunciando: “*Marquinhos, vou te chamar de Marquinhos que não seguro=nesse momento= sobre o que eu vou falar merece essa esse nome carinhoso (.h)*”. Nesse enunciado observamos, na fase introdutória, que Marília Gabriela delimitou sua intimidade com Marcos Palmeira em torno de um bate papo mais informal. Sua estratégia discursiva foi, então, chamar Marcos Palmeira carinhosamente de “*Marquinhos*”, no início do trecho (8), mantendo um enquadre mais associado a uma “*conversa com um amigo*”, do que a um enquadre associado a uma “*conversa com um ator convidado*”. Concluímos, então, que este enquadre associado a uma “*conversa com um amigo*” utilizado por Marília Gabriela teve os seguintes propósitos comunicativos:

- a) estabelecer maior proximidade com Marcos Palmeira, uma vez que o ator não pertencia ao mesmo círculo de amizade de Marília Gabriela;
- b) elogiar o ator, contextualizar a série *Mandrake* e, sobretudo, potencializar a importância dessa série para a indicação do ator ao prêmio Emmy Internacional.

A partir dos enunciados das linhas 30 e 31 do trecho (8), “Ohh há quantos anos nasceu “Mandrake” e E foi pra HBO=e fez sucesso de cara?”, observamos que Marília Gabriela estabeleceu uma relação mais formal com Marcos Palmeira, com o propósito de construir seus esquemas de conhecimento e realizou uma negociação comunicativa que, de acordo com Erving Goffman (1974), pode variar ou ser sustentada ao longo da interação, ou seja, Marília realizou uma mudança de *footing*.

#### **Trecho (9)**

32G: Você é um home::m de grandes romances, conhecidos pelo menos, porque você é ã num sei=a maior parte do tempo se relacionou com pessoas do seu(+) me::eio

33G: Então você sem:pre esteve na mídia(+) e me pareceu sempre que você (+) saía das suas histórias com uma certa des-far-ça-tez com um jei:tomui:to tranquilo|34G: ok ((risos)) tchau e benção=agora não quero mais

35G: Foi assim a sua vida inteira como(+) nos seus relacionamento

36G: (.h)o que eu tô perguntando é=eu sei que mulher é complicada

37G: =prum cara com o seu temperamento é complica:do conviver com a gente?

Depois de reunir os esquemas de conhecimento construídos nas perguntas das linhas 32, 33 e 35 do trecho (9), Marília Gabriela sugeriu, na linha 37 que Marcos Palmeira não mantinha relacionamentos longos porque achava as mulheres muito complicadas e a conversa passou a se concentrar no temperamento do ator Marcos Palmeira. Observamos, então, que na linha 36, Marília Gabriela utilizou uma das bases estruturais para mudança de *footing* que parte do ponto de vista do falante (formato de produção) ao enunciar: “(.h)o que eu tô perguntando é=eu sei que mulher é complicada”. Esta estratégia discursiva utilizada pela entrevistadora Marília Gabriela partiu do conhecimento prévio de que o ator Marcos Palmeira já tivera grandes relacionamentos com várias atrizes. Ao especificar o que na verdade gostaria de saber, Marília Gabriela realizou, então, uma mudança de *footing* para alcançar o propósito comunicativo de saber se o ator achava muito difícil conviver com as mulheres.

#### Trecho (10)

38G:DIZEM ((risos)) olha aqui dizem que homem é muito fácil de lidar=

39G: É só dar comida, colo e sexo(+) é isso?

De acordo com Rodrigues-Júnior (2002, p.34) as inferências comunicativas “têm cunho sugestivo, porque nascem de pressuposições feitas pelos interlocutores no momento da interação social”. Esta consideração pode ser verificada na linha 38 e 39 do trecho (10), Marília Gabriela comentou com Marcos Palmeira que algumas pessoas acreditam que para agradar um homem: “*É só dar comida, colo e sexo (+) é isso?*”. Percebi neste enunciado, que Marília Gabriela realizou uma mudança de *footing* para provocar Marcos Palmeira com uma frase impactante, e teve como propósito comunicativo, saber como o ator conduzia seus relacionamentos amorosos. Esta provocação pode ser entendida como uma estratégia discursiva utilizada por Marília Gabriela para construir esquemas de conhecimento sobre a opinião de Marcos Palmeira a respeito das mulheres e assim poder realizar inferências sobre o comportamento amoroso do ator.

### 5.3. As três entrevistas

Salientamos que Marília Gabriela, durante todas as suas entrevistas, colocou em prática o que foi planejado, ou seja, a entrevistadora se-

guiu um *script*. Porém, isto não garantiu que o roteiro fosse seguido integralmente, pois de acordo com (MARCUSCHI, 2003), estratégias discursivas serão escolhidas durante a conversação para que ocorra a correspondência das expectativas de todos os interlocutores que se prepararam para este tipo de encontro social. Além disso, segundo Branca Telles Ribeiro e Pedro de Moraes Garcez (2013), estratégias conversacionais, como pistas de contextualização e mudanças de *footing*, podem variar de acordo com o conhecimento prévio estabelecido entre os participantes de um evento social.

Farei um cotejamento entre as entrevistas A, B e C utilizando alguns trechos das entrevistas para verificar se os objetivos propostos foram alcançados e demonstrar, através das análises dos recursos discursivos realizados, a aplicação da hipótese levantada de que os diferentes esquemas de conhecimento de Marília Gabriela a respeito de seus entrevistados direcionaram as suas mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização que ela adotou em suas práticas discursivas durante as entrevistas.

Observamos nestes três cenários, que Marília Gabriela negociou as relações estabelecidas entre ela e os atores convidados das três entrevistas procurando manter a correspondência das expectativas dos interlocutores que se prepararam para este tipo de encontro social. As análises destas três entrevistas levaram-nos a concluir que Marília Gabriela realizou as mesmas estratégias discursivas diante de todos os entrevistados, porém as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora foram sendo definidas a partir dos enfoques temáticos e dos esquemas de conhecimento que ela possuía a respeito de cada um dos seus entrevistados.

Ao cotejar as entrevistas A e B, observamos que Marília Gabriela, além de realizar as entrevistas com certa informalidade, conferiu aos seus entrevistados uma condição de igualdade, convivência, proximidade, familiaridade e, por vezes, certa autoridade, isso porque Marília Gabriela foi casada com o ator convidado da entrevista A, Reynaldo Gianecchini e o ator convidado da entrevista B, Murilo Benício é, até os dias atuais, um amigo íntimo. Nestas duas entrevistas Marília Gabriela realizou mudanças de *footing* marcadas por pistas de contextualização a partir do conhecimento prévio que ela tinha a respeito da vida pessoal e profissional dos atores Reynaldo Gianecchini e Murilo Benício. Estas observações podem ser verificadas nos seguintes enunciados:

- linha 11 da entrevista A, trecho (4), quando Marília Gabriela enuncia: “e eu sei onde ele queria chegar falando assim” e no enunciado
- linha 16, trecho (5) da entrevista B, quando Marília enunciou: “Tamo aqui rindo ele é abesteirento (0,2) sempre” e linha 24, trecho (7), quando Marília enunciou: “TÁ SIM NÃO MINTA PARA MIM QUE [EU TI CONHE::ÇO”.

Na entrevista C, Marília Gabriela iniciou a conversa delimitando sua intimidade com Marcos Palmeira para que ocorresse um bate papo mais informal, quando enunciou na linha 29, trecho (8), a seguinte frase: “Marquinhos, vou te chamar de Marquinhos que não seguro=nesse momento sobre o que eu vou falar merece essa esse nome carinhoso (.h)”. Este *footing* informal utilizado por Marília Gabriela ao chamar Marcos Palmeira carinhosamente de “Marquinhos” no início desta entrevista teve como propósito comunicativo estabelecer maior proximidade com o ator, pelo fato de Marcos Palmeira não pertencer ao mesmo círculo de amizade de Marília Gabriela. Além disso, esta estratégia comunicativa serviu para elogiar o ator Marcos Palmeira por ter sido indicado ao prêmio Emmy Internacional.

A partir da linha 30 do trecho (8) da entrevista C, o comportamento discursivo de Marília Gabriela passou a ser mais formal do que nas entrevistas A e B. A ocorrência deste *footing* mais formal por parte da entrevistadora pode ser verificada nos seguintes enunciados: linha 32 do trecho (9), quando Marília enunciou: “Você é um homem de grandes romances, conhecidos pelo menos, porque você é ã num sei=a maior parte do tempo se relacionou com pessoas do seu(+) me::eio” e na linha 33, trecho (10), quando Marília Gabriela comentou com Marcos Palmeira: “Então você sem:pre esteve na mídia(+) e me pareceu sempre que você (+) saía das suas histórias com uma certa des-far-ça-tez com um jei:tomui:to tranquilo]”;

Na entrevista C observamos também as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização manifestadas por Marília Gabriela nos enunciados das linhas 36 e 37 do trecho (9): “(.h)o que eu tô perguntando é=eu sei que mulher é complicada” e “=prum cara com o seu temperamento é complica:do conviver com a gente?” e linha 38 do trecho (10) Quando Marília Gabriela enuncia: “DIZEM ((risos)) olha aqui dizem que homem é muito fácil de lidar=” e “É só dar comida, colo e sexo(+) é isso?”. Estes enunciados revelam que Marília Gabriela, na entrevista C, manteve um

*footing* mais formal que teve como propósito comunicativo, construir esquemas de conhecimento a respeito da vida profissional e pessoal de Marcos Palmeira.

Através do cotejamento entre as entrevistas A, B e C, concluiu-se que as mudanças de *footing* marcadas pelas pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora Marília Gabriela nas entrevistas A, B foram pautadas nos esquemas de conhecimento que ela possuía a respeito de cada ator entrevistado. Porém, na entrevista C, as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização foram realizadas a partir dos esquemas de conhecimento que foram sendo construídos ao longo desta entrevista.

## **6. Considerações finais**

Este artigo trata de uma análise de interação face a face num espaço interacional de três entrevistas de mídia televisiva nas quais se encontram reunidas vozes de sujeitos sociais que possuem propósitos comunicativos bastante diversificados. Leva em consideração a influência do contexto, as estratégias discursivas empregadas pelos participantes interacionais e a coconstrução dos propósitos comunicativos que são realizados em ambientes sócios interacionais.

As deduções extraídas das análises feitas neste estudo levantaram o questionamento de que Marília Gabriela realizou as mesmas estratégias discursivas diante de todos os entrevistados, porém as mudanças de *footing* e as pistas de contextualização realizadas pela entrevistadora foram definidas a partir dos enfoques temáticos e dos esquemas de conhecimento que ela possuía a respeito de cada um dos seus entrevistados.

Pelo exposto, ao fazer uma associação dos conceitos de esquema de conhecimento aos conceitos de *footing* e de pistas de contextualização, observando os aspectos da construção de sentido discursivo e propósito comunicativo de Marília Gabriela diante de três entrevistados diferentes, pode-se considerar que a interação verbal possui regras sociais, históricas e culturais aceitas pelos interactantes e é determinada pelos esquemas de conhecimento prévio que os indivíduos possuem a respeito do encontro social e também a respeito de seus interlocutores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Papéis discursivos e estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, vol. 4. n. 1. p. 67-77, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo76.pdf>> Acesso em: 26 de Abril de 2015.

BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Projeto NURC/SP – FFLCH-USP, 1993, p. 189-214.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A movimentação tópica numa visão pragmático-discursiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 48, n. 1, p. 85-104, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1545/1118>>.

FERGUSON, Charles A. Editor's introduction: Special language registers. *Special issue of Discourse Process*, vol. 8, p. 391-394, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Frame analyses*. Reprint. Originally published: New York: Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1974].

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge University Press, 1982.

GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2013 [1982].

HYMES, Dell; GUMPERZ, John J. (Eds.) *Directions to sociolinguistics: The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Afiliada, 2003.



RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. *Estratégias discursivas de um pai-de-santo umbandista em posseção*. 2002. (Dissertação de Mestrado). – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro de Moraes. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto 3 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. *Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*. Veredas, Juiz de Fora, vol. 7, n. 1-2, 2003.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos*, vol. 7, n. 1 e 2, p. 9-73, 2003. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>>.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2013 [1987].